

## Construções dialógicas possíveis entre o saber formal e dos adolescentes em conflito com a lei por intermédio da arte para promoção da saúde

Janaina Bastos dos Santos<sup>1</sup>

Adriana de Souza Medeiros Batista<sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo aborda desafios de se configurar cuidados em saúde à adolescentes em conflito com a lei, internos do sistema socioeducativo. Traz como objetivo apresentar produções artísticas enquanto mediadoras do diálogo entre acadêmicos e seu público-alvo de ação extensionista. Partiu da hipótese de que qualquer proposta de cuidado dependa de adesão, e que esta pode ser atingida através da interação dialógica. Foi desenvolvido a partir de produções musicais no estilo *rap* escolhidas e produzidas pelos adolescentes, além de desenho configurado como autorretrato. As composições foram avaliadas enquanto força de representação dos adolescentes, forma de os conhecer e delimitar as estratégias de promoção da saúde. A metodologia é abordada enquanto contra-métodos de pesquisa na arte e a experiência discutida com base nos aspectos teóricos da sociologia da arte, teoria do desvio de Howard Becker, estética do oprimido de Augusto Boal, em ressonância com a pedagogia do oprimido de Paulo Freire.

**Palavras-chave:** Adolescentes; sistema socioeducativo; saúde mental; arte.

### Possible dialogical constructions between formal knowledge and that of adolescents in conflict with the law through art for health promotion

#### Abstract

This article addresses the challenges of configuring health care for adolescents in conflict with the law, internal to the socio-educational system. It aims to present artistic productions as mediators of the dialogue between academics and their target audience of extensionist action. It started from the hypothesis that any care proposal depends on adherence, and that this can be achieved through dialogic interaction. It was developed from rap-style musical productions chosen and produced by the teenagers, in addition to a drawing configured as a self-portrait. The compositions were evaluated as a way of representing the adolescents, a way of getting to know them and delimiting health promotion strategies. The methodology is approached as counter-methods of research in art and the experience discussed based on theoretical aspects of the sociology of art, Howard Becker's theory of deviation, Augusto Boal's aesthetics of the oppressed, in resonance with Paulo Freire's pedagogy of the oppressed.

**Keywords:** Adolescents; socio-educational system; mental health; art.

#### Introdução

A violência é uma questão de saúde pública onde a universidade busca atuação para compreensão dos fenômenos e a construção de intervenções. A extensão universitária tem por base atuação junto a sociedade, buscando contribuir com a mesma e, por outro lado, apreender suas particularidades, como um processo retroalimentado pelo diálogo. Considerando a indissociabilidade com a pesquisa, quando se discute os aspectos teóricos de qualquer fenômeno social, deve-se estar atento aos vieses relacionados a participação efetiva do observador no meio estudado. Na observação participante, isto é particularmente relevante quando o observador não compartilha dos mesmos valores de uma determinada camada social estudada, trazendo mais do que o olhar externo, mas suas concepções prévias do comportamento socialmente esperado (CRISTOFOLETTI, SERAFIM, 2020).

Trazemos o exemplo de estudiosos que se debruçaram sobre adolescentes em conflito com a lei como objeto de atenção. No entanto, havia pouca ou nenhuma convivência prévia com os ambientes de onde estes adolescentes constituíram sua experiência de vida. O presente relato traz uma experiência vivida como projeto de extensão que levou um grupo de acadêmicos da Faculdade de Medicina a buscar entender as formas de agir e pensar de adolescentes que cometeram ato infracional e, por isso, encontravam-se internos de um

1 Mestranda do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

2 Professora do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Centro Socioeducativo (CSE).

O projeto nasceu de uma demanda específica de casos consumados de suicídios dentro da unidade socioeducativa. Buscava-se evitar recorrência do ato, intervenção pautada na saúde mental, com foco na prevenção da ideação suicida. Para tanto, reuniu-se uma equipe multidisciplinar formada por médicos, psicólogos, psicopedagogos, entre outros. Entre estes “outros” esteve presente uma arte-educadora. Cada profissional/pesquisador procurou contribuir na constituição de uma intervenção junto aos adolescentes. Formalizou-se uma rotina de visita semanal ao CSE no ano de 2019, para encontro com os adolescentes e, posteriormente, uma discussão entre a equipe para definições do como agir junto aos mesmos.

Observou-se que a equipe de trabalho, inicialmente constituída de mais de dez profissionais/pesquisadores envolvidos com o projeto, foi sofrendo com desistências por motivos diversos. Percebeu-se entre os mesmos a relutância em trabalhar com o público de adolescentes em conflito com a lei. De fato, os adolescentes se apresentaram em princípio muito arredios e agressivos. Assim ocorrido, permaneceu atuante nos anos entre 2020 a 2022 uma equipe bem menor, porém constante. Entre eles a arte-educadora. Os primeiros encontros com os adolescentes deixaram claro a distância que os mesmos estabeleciam entre si e com os acadêmicos, distância esta revelada inclusive pela linguagem. Usavam termos desconhecidos pela linguagem formal acadêmica, mas que quando apresentados pelos adolescentes eram facilmente reencontrados nas mídias, quando se procuravam produções artísticas voltadas ao público de adolescentes da periferia. Assim, percebeu-se claramente que estava constituído uma equipe de trabalho com vasta preparação técnica em saúde física, cognitiva e mental, mas pouco conhecimento de mundo do público-alvo da ação.

Na medicina existe uma preocupação quanto ao tópico relacionado a adesão de um determinado público a um tratamento de saúde (GODIN, 2019). Embora possa parecer obvio que é necessário cuidar da saúde e que existam profissionais capacitados a instruir quanto ao modo de se alcançar um determinado estado de saúde, também é obvio que o tratamento exige uma adesão por parte daquele que está sendo cuidado. Esta adesão passa por muitos caminhos e é atravessado de forma importante pela maneira como atua o profissional ao se apresentar, e ao apresentar sua proposta de ação ao público-alvo da intervenção. Trata-se de dar sentido ao que é proposto como caminho para promoção de saúde. Porém isso só é pos-

sível através do diálogo, pois deverá ser constituído como um processo de troca.

Neste sentido é que se entende promoção de saúde como multiprofissional, onde cada categoria pode contribuir dentro do seu saber. De princípio, a arte-educação estaria dentro do campo das artes ou da educação, mas como ela poderia contribuir em uma intervenção de saúde? E como poderia, através dela, constituir algum saber científico? Como delimitaria, neste contexto, um objeto de pesquisa? Como definiria, em meio a outras tantas bem estabelecidas metodologias de pesquisa da área da saúde, um método que tivesse sua base de análise em produções artísticas? Onde estaria a profissional arte-educadora nesta composição? Existe um lugar para o seu saber que traga contribuições para os demais campos envolvidos?

Envolta a estes questionamentos se desenvolveu o presente trabalho como relato de experiência, para discutir métodos de investigação pela expressão artística. Ou então, eventualmente, apresentando contra-métodos de pesquisa que confirmam aos trabalhos artísticos desenvolvidos valor na intervenção base proposta pelo projeto de extensão. Ou seja, que o entendimento dos produtos gerados tenha contribuído para configurar melhor as ações desenvolvidas com os adolescentes na busca pela saúde mental no meio de reclusão. Embora possamos definir o suicídio entre adolescentes em confinamento enquanto fenômeno social e, neste sentido, como potencial objeto de pesquisa, definiu-se por discutir como atividades artísticas poderiam oportunizar apreensão dos adolescentes e, neste sentido, para melhor compreendê-los. Como produções artísticas poderiam ser utilizadas enquanto representações sociais, produções individuais trazendo luz a um coletivo, possibilitando delimitação coerente das formas de agir com este público que resulte na promoção de saúde.

Para tanto, propomos uma abordagem teórica na sociologia da arte, teoria do desvio de Howard Becker (2008), a estética do oprimido de Augusto Boal (2009) em ressonância à pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1970). Inicialmente com uma discussão sobre a produção musical no estilo *rap* enquanto uma subcultura, ou mesmo constituído dentro da teoria pós-subcultura. Busca-se demonstrar como os adolescentes se revelaram na escolha das músicas que ouviam cotidianamente e na construção de duas músicas de autoria coletiva, proposta na ação extensionista. Para reforçar a discussão são apresentados também desenhos produzidos pelos adolescentes em atividade proposta como autorretrato.

**Sociologia da arte e a socioeducação**

Roger Bastide (1977) trabalhou em sua obra “Arte e Sociedade” o conceito de estética sociológica citando dois movimentos de ideias que a tornaram conceitualmente possível – o romantismo e o pré-rafaelismo. Do romantismo trouxe a percepção de que “as obras de arte em geral só são possíveis e só vivem através das representações coletivas” (MARTINEZ, 1974, p.127). O pré-rafaelismo acrescenta a arte como “arraigada no povo” e, neste sentido, ligada de forma indissociável a ele. Assim, a arte como representação social é apresentada no marxismo reestruturado de Goldman que considera a literatura e filosofia como, em certa medida, “expressões da visão do mundo e que as visões do mundo não são fatos individuais, mas sociais” (MARTINEZ, 1974, p.127). Bastide situa o nascimento da estética sociológica no século XX e sugere que se “o artista trabalha para um público, e é julgado por ele, este também deve ser estudado juntamente com a arte” (MARTINEZ, 1974, p.127).

Nota-se que, ao relacionar a arte como possível reflexo não somente de seu autor, mas como também de seu público e de seu meio, a coloca como uma alternativa de foco para avaliação quanto a sua representação social e, assim, como objeto de pesquisa. “A arte, portanto, é considerada pelo autor como uma manifestação que caracteriza determinado grupo, assim como os costumes, a gíria, a vestimenta. Daí esta ligar-se intimamente aos grupos sociais enquanto meio ou sinal de distinção” (MARTINEZ, 1974, p.128).

Augusto Boal (2009) estendeu esta representação aos propósitos de reflexão ativista, em uma clara referência aos processos de desvelamento de situações de opressão anteriormente sugeridas por Paulo Freire (1970) em sua pedagogia do oprimido. Assim, Boal propôs o que nomeou como estética do oprimido, considerando-a como um instrumento de libertação. Trouxe afirmação de que a estética é mais do que a ciência do belo, sendo então considerada como ciência da comunicação sensorial e da sensibilidade. Considera-se que bela é a verdade que se esconde na realidade política e social. Trouxe a proposta de uma arte pedagógica, uma arte que culmine na exposição de uma realidade que esconde oprimidos e opressores. Neste sentido o pensamento sensível é apresentado como arma de poder e as culturas como campos de batalha (BOAL, 2009).

Aprofundando-nos nas propostas de Boal (2009), em tomar o fazer artístico como arma em um campo de batalha social e político, temos a estética do oprimido como método artístico que pretende ser revolucionário. Aponta-se que “todos são capazes de

desenvolver um processo estético” (BOAL, 2009, p. 169) e devemos trabalhar com que a arte produzida através dele provoque reflexão, desvelamento de situações de opressão, ou seja, a arte como política. “Faz parte da nossa estética criar condições para que os oprimidos possam desenvolver sua capacidade de simbolizar, fazer parábolas e alegorias que lhes permitam ver, a distância, a realidade que devem modificar” (BOAL, 2009, p.122). Neste sentido, Boal apropriou-se da ideia de que a arte tem relação intrínseca com o social, seja em proteger as relações de poder vigente através de uma estética anestésica, seja para desvelar o domínio do pensamento sensível e o uso da linguagem em uma estética do poder.

Segundo Boal “nenhuma estrutura de dança, música ou teatro, no entanto, é inocente ou vazia: todas contém a visão do mundo de quem a produz. Ajudar o oprimido a descobrir a arte, descobrindo a sua arte; nela descobrindo-se a si mesmos, a descobrir o mundo, descobrindo o seu mundo, nele, se descobrindo!” (BOAL, 2009, p.170). Seguindo a concepção da arte em sua estreita relação com o social e, estando assim fundamentada na sociologia da arte, foi que se desenvolveram as ações que são relatadas no presente trabalho, sobre a comunicação entre acadêmicos e adolescentes em conflito com a lei, mediados pela produção artística. Dado que são lados que se comunicam de forma distinta, utilizam-se de vocabulário próprio, uma ação de promoção de saúde vinda de uma população tão diversa em relação com a outra encontraria, fatalmente, entraves que definiriam sua efetividade. Considerando as contribuições da proposta de Boal (2009) em que sugere que o pensamento sensível não é língua, mas é linguagem, propôs-se a arte como recurso dialógico. O uso da palavra deveria, portanto, ser contextualizada ao ritmo, o desenho e outras manifestações estéticas. Pois a palavra “é meia verdade: a verdade inteira inclui meus olhos, mão e boca, o tom da minha voz” (BOAL, 2009).

No entanto, em termos metodológicos, incorre-se ao não convencional, uma vez que a arte “é uma forma de conhecer, e é conhecimento, subjetivo, sensorial, não científico” (BOAL, 2009, p.110). Neste sentido o que este trabalho pretende não é validar uma metodologia de pesquisa no campo da sociologia da arte ou da saúde, mas de apresentar uma experiência e suscitar discussão quanto a seu significado no âmbito da socioeducação. O sistema socioeducativo como foi proposto em lei, reconfigurando a abordagem do adolescente que comete ato infracional, propõe um caráter pedagógico que desafia as práticas arraigadas de punição. Como recente, a fundamentação prática da recondução do adolescente para sociedade atra-

vés de um processo socioeducativo traz novos desafios didáticos (BRASIL, 2006). Aqui, apresenta-se a arte como mediador dialógico que possibilite melhor conhecer o “mundo da vida” destes adolescentes (HABERMAS, 1987).

Porém, o proposto é um caminho e não seu final. Apostando na linguagem informativa em associação a linguagem cognitiva, ou seja, da fala e os processos cognitivos de construção de uma representação de si por recursos diversos, estamos falando, possivelmente, de uma obra inconclusa (BOAL, 2009). Ou seja, não é possível traçar uma trajetória de pesquisa que demonstre um antes e um depois, ou mesmo acompanhar a trajetória de vida dos adolescentes envolvidos nas atividades. Mas o que se pretende está no campo dos contra-métodos de pesquisa, de demonstrar eventual valor na aplicação de ideias fundamentadas em uma pedagogia de libertação e, neste sentido, da educação popular. A liberdade é tema sensível em unidades de internação socioeducativa, pois está concretizada em oposição a situação física dos adolescentes privados de liberdade.

Buscar uma abstração que os faça refletir sobre sua condição em cumprimento de medida socioeducativa, com os caminhos que os levaram a ela é meta prevista pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE (BRASIL, 2006). No entanto, reitera-se que a imposição da cultura vigente, dos padrões de comportamento social a esta população de indivíduos que não consegue se ver inserida nesta mesma sociedade, tem refletido em desesperança. Neste sentido, encontra-se o valor do diálogo para o fortalecimento do indivíduo, o se fazer conhecer e entender para si e para o mundo, buscando, desta forma, agir sobre o eventual estado de espírito que os conduzem à ideação suicida.

### **O rap, estética do oprimido e a teoria do desvio**

A adolescência é uma fase crítica na formação do indivíduo pois é nela que se firmam as percepções de si mesmo, do outro e do entorno social (CALLIGARIS, 2000). O rap tem desempenhado um papel significativo na vida dos adolescentes que vivem em conflito com a lei, oferecendo uma forma de expressão, identificação cultural e social (SIMÕES, CAMPOS, 2016). Neste sentido, o rap pode ser uma ferramenta de empoderamento para os adolescentes, especialmente aqueles que vêm de periferias urbanas. Para muitos adolescentes que se encontram cumprindo medida socioeducativa em regime fechado, o rap é uma saída criativa que os mantém engajados em algo positivo. Isso pode ajudar a evitar o envolvimento em atividades prejudiciais e oferecer uma maneira construtiva de lidar com emoções e de-

safios do regime de reclusão.

Outras vantagens de uma intervenção junto a adolescentes através do rap está em que requer habilidades literárias, como rimas, métrica, metáforas. Isso pode ajuda-los a desenvolverem suas habilidades de leitura, escrita e análise crítica. Além disso, a cena do rap muitas vezes cria um senso de comunidade e pertencimento, auxiliando na construção de relações amigáveis dentro da unidade socioeducativa, diminuindo tensões. A proposta foi unir os adolescentes em torno da música, para que pudessem compartilhar interesses comuns e construir relacionamentos com aqueles que têm experiências semelhantes, para o fortalecimento mútuo. Assim, como primeira abordagem dos adolescentes no CSE, solicitou-se que escolhessem juntos algumas músicas para que ouvíssemos em conjunto.

A escolha das músicas em estilo rap veio dos próprios adolescentes e considerada como positiva, uma vez que não se limita apenas à música. A importância do rap para os adolescentes foi considerada quanto a sua capacidade de oferecer uma voz às suas experiências, permitir a expressão criativa e promover a reflexão crítica sobre questões sociais e culturais, consequentemente desvelando situações de opressão (FREIRE, 1970). Para tanto, foi considerada a teoria do desvio de Howard Becker (2008) e seus estudos sobre o comportamento desviante. Becker foi um sociólogo norte-americano conhecido por suas contribuições à sociologia da arte, desvio e interação social. Suas ideias e abordagens podem contribuir com a compreensão de como o rap e outras formas de expressão cultural se encaixam no contexto sociológico. Becker é especialmente conhecido pelo conceito de “rotulagem”. Ele explorou como as pessoas e a sociedade rotulam indivíduos e comportamentos como desviantes, e como esses rótulos podem influenciar o desenvolvimento da identidade e as trajetórias de vida das pessoas.

### **O rap enquanto subcultura e na perspectiva pós-subcultura**

Considerando que a sociologia da arte se concentra na análise das interações sociais, instituições e estruturas que moldam a produção, distribuição, consumo e recepção da arte em uma sociedade, podemos relacioná-la ao rap enquanto auxílio na compreensão de como essa forma de expressão cultural se encaixaria nas dinâmicas sociais mais amplas, examinando como o contexto social, econômico e cultural influencia a produção artística. Considera-se que o rap pode ser uma forma de expressar identidades individuais e coletivas, bem como refletir as lutas e aspirações das comunidades periféricas. Isso inclui

entender como diferentes grupos se relacionam com a música, como ela é percebida e quais mensagens ressoam com diferentes audiências.

O *rap* é frequentemente considerado uma subcultura significativa, enraizada na música, na moda, na linguagem e em outras formas de expressão que distinguem seus membros das normas culturais predominantes. É um gênero musical que se originou nas comunidades urbanas, principalmente nos bairros afro-americanos e latinos dos Estados Unidos. Suas raízes estão ligadas ao *hip-hop*, um movimento cultural abrangente que também engloba dança, grafite e moda. Não é apenas sobre música, mas também sobre uma forma de vida e uma identidade cultural. Ele muitas vezes reflete a experiência de adolescentes urbanos, abordando questões como racismo, pobreza, desigualdade e injustiça social. A subcultura do *rap* criou espaços culturais importantes, como festas, batalhas, eventos de dança e exposições de arte, onde os membros podem se reunir e se expressar (SIMÕES, CAMPOS, 2016).

Na intervenção proposta com os adolescentes internos no CSE, foram escolhidas cinco músicas a serem ouvidas de forma compartilhada. Observou-se que os artistas sugeridos eram, em sua maioria, também adolescentes e pouco conhecidos da mídia em geral. Isso porque existem hoje vários artistas no estilo *rap* que tem alcançado espaço na televisão aberta e rádios (TEPERMAN, 2015). O contraste entre os artistas de *rap* conhecidos pelos acadêmicos e os escolhidos pelos adolescentes levou a consideração do estilo dentro da teoria pós-subcultura (FREIRE E FILHO, 2005).

Considerando que o *rap* tem sido reconhecido como arte urbana relevante, percebe-se a existência de artistas que são mais “aceitos” pela mídia geral. Os artistas que os acadêmicos conheciam como “representantes” do gênero e sua proposta de denúncia social, se contrastou com aqueles que efetivamente parecem estar exercendo este papel para os adolescentes em conflito com a lei. Os acadêmicos sugeriram aos adolescentes, por exemplo, a música Amarelo (Emicida, 2019), mas não foi bem acolhida. De fato, a música é bem construída, com letra que traz reflexões profundas que agradam ao meio acadêmico e as mídias em geral, mas não foi compreendida e aceita pelos adolescentes, uma vez que não se viram representados nela.

A teoria pós-subcultura é uma abordagem que crítica e expande as ideias tradicionais de subcultura. Ela questiona a aplicabilidade dessas ideias em contextos contemporâneos, levando em consideração as mudanças sociais, culturais e tecnológicas que ocorreram desde o surgimento das teorias clássicas de subcultura (FREIRE E FILHO, 2005). A teoria reconhece que as fronteiras entre as subculturas estão se tornando mais fluidas. No contexto do *rap*, isso pode ser observado na diversidade de estilos, fusões musicais e influências culturais presentes na cena do *rap* contemporâneo. Observa-se, por exemplo, adolescentes de classe média com interesse pelo *rap* e o “visual de cria”<sup>3</sup>, como uma possível romantização do estilo e sua associação a um comportamento desviante, no que Susin (2022) considerou como “celebridade criminoso” (SUSIN, 2022).

Considerando que a teoria pós-subcultura enfatiza o papel do consumo cultural na formação de identidades e comunidades, o consumo do *rap* enquanto música, moda e outras expressões culturais tem desempenhado diferentes papéis para os diferentes grupos que o consomem. Neste sentido, a proposta de ouvir as músicas sugeridas pelos próprios adolescentes internos teve valor também para explicitar aos acadêmicos que é necessário promover o diálogo para uma real apropriação dos significados. Ou seja, não se tratou somente de assumir o estilo *rap* como representação dos adolescentes, mas de encarar aquelas músicas escolhidas por eles e que fugiam as veiculadas pela mídia mais ampla. Tornou-se estratégico a compreensão de como a letra, melodia e videoclipe se refletiam como mensagem vinda dos adolescentes para melhor se fazerem conhecer enquanto valores e expectativas.

### Aspectos metodológicos

O trabalho foi desenvolvido com oito adolescentes internos em um CSE da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Embora o projeto de extensão a que esteve vinculado tivesse iniciado atuação na unidade em 2019, o trabalho de pesquisa se desenvolveu no ano de 2021, no contexto das limitações de contato impostas pela pandemia de Covid-19. Por isso o número reduzido de adolescentes que se encontravam cumprindo medida socioeducativa em regime fechado no momento da aplicação das atividades relatadas. Neste período os encontros presenciais no CSE haviam sido interrompidos, sendo substituídos por encontros virtuais.

3 “Visual de cria” se popularizou nas redes sociais e se refere a uma identidade visual em que a pessoa retratada apresenta aparência, corte de cabelo, corte na sobrancelha, roupa de jovens de periferia, mesmo não vivendo nestas regiões. Para fotos se mostram em uma pose marrenta, normalmente evitando olhar para a câmera ou tampando o rosto, em alusão aos que se escondem da justiça.

Para estes encontros havia disponível um sistema de videoconferência, oportunizando comunicação entre as partes. No entanto, a comunicação apresentou limitações quanto à possibilidade de diálogo, os adolescentes ouviam bem, mas não havia um sistema de microfone para que se fizessem ouvir com clareza. Diante deste cenário surgiu a ideia da comunicação através da arte, música e desenho. Contou-se com o apoio da diretoria da unidade e de sua equipe pedagógica para intermediação. Desta forma, foi possível desenvolver dez encontros virtuais entre os adolescentes e os mestrandos do Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), supervisionados por professora do mesmo programa.

Uma particularidade importante deste CSE é que o mesmo recebe adolescentes na faixa etária de 12 a 15 anos e isso se reflete em um público que, em geral, vivencia o regime de reclusão pela primeira vez. Também traz uma população em passagem da infância para juventude, ainda fortemente ligados à família e a comunidade. Quanto aos propósitos da socioeducação é um público que demanda atenção especial quanto aos sofrimentos psíquicos decorrentes da internação, além de serem potencialmente os adolescentes que melhor responderiam ao processo de ressocialização, uma vez que apresentam, em geral, envolvimento inicial com o cometimento de atos infracionais. A ação contou com as seguintes etapas: propôs-se aos adolescentes que escolhessem músicas a serem ouvidas e vistas (por videoclipe) durante os encontros; a cada encontro se ouvia até duas músicas e era proposto um diálogo sobre as mesmas; propôs-se que os adolescentes escrevessem a letra de uma canção com temática livre, foram produzidas duas músicas; por último, os adolescentes foram convidados a se representarem em desenho na atividade de autorretrato.

O desenho de si mesmo, ou autoimagem visual, é uma forma de expressão artística que pode ter várias implicações e importâncias, tanto emocionais quanto psicológicas. É uma maneira de se expressar visualmente, refletir e comunicar como você se vê e como deseja se apresentar ao mundo. Ao criar um desenho de si mesmo, uma pessoa pode explorar diferentes aspectos de sua identidade, incluindo características físicas, traços de personalidade e emoções. Por isso, pode ser uma ferramenta para promover a autoaceitação (LOOS-SANT'ANA, DOS SANTOS LIMA, 2020).

Para os propósitos de pesquisa, considerou-se os desenhos produzidos em associação com a análise das músicas, das quais foi realizado uma avaliação semântica. Buscou-se por temas recorrentes, representações sociais, eventuais preocupações e reivindicações. Para tanto foi utilizado um analisador estatístico de texto do grupo de linguística da *Insite*®. A análise semântica de músicas envolveu a interpretação e compreensão do significado das letras, temas e mensagens presentes. Fizeram parte as seguintes etapas e considerações para condução da análise semântica das músicas:

- seleção da música no gênero *rap* (realizada pelos adolescentes);
- análise da letra das músicas, identificação dos temas principais, mensagens centrais e tópicos abordados;
- abordagem dos significados literais e figurativos, bem como do imaginário e linguagem revelada sobre a maneira como os artistas construíram uma narrativa visual e sensorial;
- avaliação das intenções do artista para verificar como estas ressoaram nos adolescentes;
- contextualização cultural e social, procurando por valores, preocupações e eventos da sociedade em que são produzidas;
- interpretação pessoal das músicas, desenvolvida por meio do diálogo com os adolescentes;
- conexões com outras músicas, para verificar se as músicas escolhidas e criadas se relacionaram enquanto temática;
- análise da relevância cultural e atualidade, buscando camadas adicionais ao seu significado.

Considerou-se a análise semântica como uma abordagem rica para compreender as mensagens e significados por trás das letras, dentro de uma busca por perspectivas culturais e os sentimentos humanos transmitidos por meio da música. Já a análise da frequência das palavras em uma composição é uma técnica quantitativa que permite identificar quais são mais frequentemente usadas e, assim, obter revelações sobre os temas, mensagens e ênfases presentes na obra (ROCHA, BOGGIO, 2013).

As músicas analisadas no primeiro momento foram as escolhidas pelos adolescentes para que fossem ouvidas em conjunto nos encontros. Posteriormente se analisou as duas músicas escritas pelos adolescentes do CSE. As letras foram transcritas como um documento de texto; foram removidos elementos não textuais como pontuação excessiva, letras maiúsculas e outros caracteres especiais; colocou-se todas as

palavras em letras minúsculas para evitar contar as mesmas palavras em diferentes formatos; o documento foi utilizado como material de entrada para a ferramenta de processamento de linguagem natural (PLN) do grupo de linguística da *Insite*®, que efetivou a contagem.

Utilizou-se filtros disponíveis na ferramenta para desconsiderar palavras muito comuns, como artigos, preposições e pronomes, que não contribuíssem significativamente para a análise. Produziu-se resultados que foram tabulados, onde foi possível observar as palavras mais frequentes. Considerou-se que a frequência das palavras por si só não revela o significado completo da música. Assim, toda a análise semântica foi importante para interpretar os resultados no contexto das letras, da melodia, do gênero musical e das intenções artísticas.

A metodologia adotada no trabalho esteve inserida nos contra-métodos de pesquisa na arte, uma vez que foram consideradas abordagens alternativas à pesquisa tradicional. Considerou-se o método *Arte-Based Research* (Pesquisa Baseada em Arte), uma vez que “pressupõem o uso de linguagens poéticas – como as visuais, performáticas, literárias ou musicais –, nos processos investigativos, nas reflexões, na forma das escrituras, das apresentações e dos relatos” (DIEDERICHSEN, 2019, p.67). Nesse método, a própria arte é usada como objeto de pesquisa.

Como houve participação efetiva dos pesquisadores nas obras solicitadas aos adolescentes, uma vez que conduzidas através dos encontros e diálogos estabelecidos, considerou-se também a autoetnografia. Isto porque o presente relato traz o envolvimento direto dos pesquisadores no tema de estudo, em especial a arte-educadora, compartilhando suas próprias experiências pessoais no entendimento da arte enquanto recurso dialógico (SANTOS, 2017, p.218).

A composição das músicas foi proposta enquanto narrativas utilizando elementos linguísticos e performances, de maneira a explorar ideias e conceitos. Neste cenário pode ser considerada enquanto pesquisa-ação artística, com combinação de elementos da pesquisa-ação com a criação artística (CERQUEIRA, 2018). Utilizou-se obras artísticas para catalisar mudanças ou respostas em sua comunidade/público, assim considerando o proposto por Boal (2009) pelo processo estético de desvelamento das situações de opressão, ou seja, trabalhando com a estética do oprimido. Tratou-se de uma pesquisa participativa, pois envolveu a colaboração direta de pessoas que normalmente seriam os sujeitos da pesquisa.

Para análise dos produtos artísticos, em consideração aos propósitos da extensão de estar atento a ideiação

suicida nos adolescentes internos e, eventualmente, agir sobre ela, podemos contextualizar também a pesquisa sensível ao contexto (PLISKIN, RUHRMAN, HALPERIN, 2020). Esse método considera a influência do ambiente e do contexto na pesquisa. Na arte, isso pode se traduzir em considerar o local de sua produção e a influência do ambiente na composição e interpretação da obra. Valoriza-se, assim, experiências sensoriais e emocionais como uma forma de compreender um tópico, tal como a representação das angústias vivenciadas no meio de reclusão. Em suma, concebeu-se a pesquisa na arte como abordagens criativas, subjetivas e multidimensionais para a investigação, de difícil configuração formal.

Em relação aos aspectos éticos e legais, o projeto contou com autorização do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (CAAE 6 5360422.6.0000.5149). Obteve anuência da diretoria do CSE, da Superintendência de Atendimento ao Adolescente da Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública (SEJUSP) e Subsecretaria de Atendimento Socioeducativo de Minas Gerais (SUASE-MG). Contou com o apoio do Tribunal de Justiça de Minas Gerais, através de atuação em parceria com a Vara de Atos Infracionais da Infância e da Juventude de Belo Horizonte e Corregedoria-Geral de Justiça.

### Resultados e discussão

Apresenta-se na Tabela 1 um resumo das informações obtidas pelo PLN, onde é possível observar dados referentes às músicas escolhidas pelos adolescentes: Céu de pipa (MC MARKS, 2020); Fuguetão Veloz (MC VITÃO DO SAVOY, 2020); Mais um dia de vida (MC ALÊ, 2019); Perdoa mãe (MC ALÊ, 2019); Reflexo (MC CABELINO, DONATO, DJ JUNINHO DA ESPANHA, 2020).

Tabela 1 – Resultados obtidos pela análise por PLN das músicas escolhidas pelos adolescentes.

Total de palavras	1266
Total de palavras distintas	592
Porcentagem do conteúdo representada pelas 100 palavras mais frequentes	54,3 %
Porcentagem do conteúdo representada pelas 250 palavras mais frequentes	72,9 %
Número de palavras responsáveis por 50% do conteúdo	79

Palavras frequentes	Eu (35), não (21), me (19), pra (15), por (12), nós (11), meu (10), minha (10), vida (8), fé (6), só (6), mãe (5), nada (5), noite (5), quebrada (5), abençoou (4), canta (4), falar (4), favelado (4), filho (4), mundão (4), pião (4), tenho (4), caminho (3), coração (3), corre (3), dormir (3), família (3), morro (3), quero (3), saudade (3), senhora (3), sonhar (3), tempo (3), amigos (2), polícia (2), bala (2), despertar (2).
Pares frequentes	Que eu (13), por isso (6), nós canta (4), Deus abençoou (3), perdoa mãe (3), eu tenho (3), até onde (2).
Trincas frequentes	Por isso nós (4), das bala achadas (2), pião na quebrada (2).
Quadras frequentes	Por isso nós canta (4), claro que eu ouvi (2), favelado é uma piada (2)
Quintas frequentes	Até onde vidas negras importam (2), mas não vai arrumar nada (2), pode falar da minha vida (2)

Fonte: Elaboração própria com base nos dados gerados pelo PLN do grupo de linguística da *Insite*©.

Observa-se que o número de palavras distintas é quase metade do somatório das palavras, o que já possibilita verificar que não se repetem com muita frequência, denotando um amplo repertório. Uma análise minuciosa, no entanto, possibilitou identificar variações de uma mesma palavra, levando a sentidos semelhantes, tais como os verbos em diferentes conjugações (cantar, canto, cantei, por exemplo). As cem palavras mais frequentes já são responsáveis pela metade do conteúdo, demonstrando relevância das mesmas nas composições. Foi considerado estratégico manter na análise as palavras constituídas de duas letras – embora fizesse incorrer em algumas re-

petições de valor como onomatopeia (tais como “ai, ai, ai, ai”) – em decorrência da frequência observada de algumas muito relevantes: eu, me, fé e só. Isso porque todas as músicas escolhidas estavam escritas em primeira pessoa, com constantes menções a Deus ou a religiosidade, além do sentimento de isolamento. Temos como exemplo os primeiros versos da música Céu de pipa (2020) “Mais uma noite sem dormir / vou lá pra rua espaiar / pensar na vida, refletir / meu Deus, o que eu posso fazer?” (MC MARKS, 2020).

Chama-se atenção para uso de palavras que remetem à comunidade, amigos e à família, em especial a mãe. A figura feminina também aparece no termo “senhora”. Observamos a polícia sendo antagonizada aos autores e referências a invasão da comunidade. Associando a contagem das palavras com uma análise semântica mais ampla podemos avaliar a construção visual proposta pela música.

Sonhei que a favela tava linda / que todas parede tinha tinta / criança corria no meio da rua / E o céu tava cheio de pipa, / ninguém com barriga vazia / e as dona Maria sorria / Tinha até barraco com sacada / virado de frente pra piscina, acredita? / Chuva de carro importado, os menor desfilava / Lá tava tudo na paz, polícia nem passava / Preto, pobre, favelado era respeitado, não discriminado / Ali ninguém mais via o sol nascer quadrado (MC MARKS, 2020).

Avaliando a proposta temática da música vemos o que ainda está na esfera do sonho: a favela linda (em oposição a imagem de um lugar desorganizado e sem cor), com estruturas prediais acabadas. Isso porque é comum que as construções nas comunidades periféricas se deem em condições bastante precárias. A letra sugere aspiração por segurança nas ruas e essa segurança se dá, ironicamente, pela ausência de atuação da polícia. Há referência a figura da mulher enquanto “dona Maria” e à fome, uma vez que em sonho não haveria “barriga vazia”. Embora se tenha citado referências de construção com sacada e piscina, enfatizou-se que elas ainda estariam na favela, sendo barracos, o que demonstra apego ao lugar e à comunidade. Desta forma, o que se aspira não é uma mudança de bairro, por exemplo, mas que a própria comunidade se transforme em um local digno em infraestrutura para todos.

A música Reflexo (2020) reitera a temática de Céu de Pipa (2020) ao descrever a comunidade, seus perigos relacionados a atuação da polícia. Já nos primeiros versos reflete religiosidade e repete a dificuldade de dormir, “Minha nossa senhora, essa madrugada nem deu pra dormir / o barulho do água sobrevoando me fez despertar / Passou no jornal a polícia invadindo e claro que eu ouvi / a troca de tiro impede outra vez do

meu filho estudar” (MC CABELINHO, DONATO, DJ JUNINHO DA ESPANHA, 2020). A construção lírica remete a ruídos de tiro, para reforçar a insegurança com relação a atuação da polícia. O próprio videoclipe reforça a letra trazendo, em sua introdução, o barulho do helicóptero da polícia (águia) e de tiros. Isto torna claro a intenção dos autores em enfatizar a dificuldade de não se desviar para, supostamente, proteger-se.

Há também um jogo de palavras que remetem ao sensorial: “Destrava (destrava), deixa na agulha, *Kalashnikov* / Repara (repara), o caveirão e a barca da Choque / Eles trazendo o cheiro da morte (o cheiro da morte) / Virou rotina esse corre-corre (o corre-corre) / e, nessa hora, o morador que sofre (sofre)” (MC CABELINHO, DONATO, DJ JUNINHO DA ESPANHA, 2020). O jogo semântico envolve a palavra destrava, enquanto se houve o engatilhar de uma arma, descreve-se o corre-corre em uma busca por provocar a sensação de movimento em confusão, fuga.

Significados literais se juntam aos figurados para formar sentidos diversos, tais como nos termos “conto de farda”, “morro e me mata”, “luto e luta”, “balas achadas”, “outra bala se acha”.

Deixo avisado que eu não acredito que exista um conto de farda (não, não) / Autoridade que era pra me proteger sobe o morro e me mata / Luto e luta das balas achada (das balas achada) / e o arrombado de terno e gravata (de terno e gravata) / que autoriza essa guerra na minha favela enquanto outra bala se acha (MC CABELINHO, DONATO, DJ JUNINHO DA ESPANHA, 2020).

Já nas músicas “Mais um dia de vida” (MC ALÊ, 2019) e “Fuguetão veloz” (MC VITÃO DO SAVOY, 2020), vemos demonstrações de ostentação proporcionada pelo “trabalho”. Motos caras são citadas, além de estar “trajado na gringa” com referência ao uso de roupas e acessórios de marcas comerciais conhecidas. Em comum com a letra de “Perdoa Mãe” (MC ALÊ, 2019) há referências à Deus e sua proteção e isto pode contrastar com a vida que descrevem, de envolvimento com atos ilícitos. No entanto, estão constantemente justificando sua ação desviante ao conjunto geral de insegurança vivenciada nas comunidades. Neste ponto, pode-se avaliar à luz da teoria do desvio, que explora como as instituições sociais, como a polícia, o sistema judicial e os meios de comunicação, exercem controle sobre o comportamento desviante (BECKER, 2008). Observamos que, neste sentido, as letras se conectam, estando todas relacionadas a uma condição de descaso pela população da periferia.

Para avaliar como as músicas ressoaram para os adolescentes, foram conduzidas conversas sobre as

mesmas. Em uma delas houve associação entre o Fuguetão veloz (2020) – nome dado a uma moto potente – com a imposição de respeito nas comunidades. Surgiram expectativas quanto a se tornarem “patrão”, no sentido de comandarem o tráfego de drogas em suas localidades. O “visual de patrão” é estar “vestido na gringa”, que está ilustrado na Figura 1 através do autorretrato produzido por um dos adolescentes. Apontaram o tráfego como trabalho, de onde conseguem recursos para pagarem contas de casa, mesmo que ainda sejam adolescentes. Também foi percebido o conflito recorrente com a polícia, sendo constantemente citados como oponentes.

Figura 1 – Autorretrato produzido por um dos adolescentes do CSE.



Fonte: Arquivo dos autores.

Observa-se na Figura 1 um autorretrato em que o adolescente se veste com roupa de marca famosa e usa um terço no pescoço. A roupa demonstraria sua importância na comunidade, sucesso em obter recursos financeiros, mesmo através de ato infracional. A religiosidade não é vista como incoerente, demonstram acreditar que a luta pela sobrevivência é justificada e, por isso, abençoada.

#### **Análise das músicas produzidas pelos adolescentes do CSE**

Transcreve-se abaixo a primeira das duas músicas produzidas pelos adolescentes durante os encontros. Nota-se a simplicidade da letra, assim como a repetição de termos frequentes nas outras músicas avaliadas.

Minha liberdade é tudo que mais quero / Prefiro estar preso que no cemitério / Voltar para minha família / Viver o mundo mais belo / Dá orgulho para minha coroa / E sair desta vida loca / Eu tinha o sonho de trancar na boca / Depois de refletir eu saí da vida loca / Loca é minha favela, mato e morro por ela / A pessoa que mais amo é minha rainha e donzela (produção coletiva dos adolescentes participantes do projeto no CSE, 2021).

Esta composição não apresentou refrão, sendo de letra curta e cantada no estilo *rap*. A segunda música

produzida é maior e repete exaustivamente “a liberdade vai cantar”, expressão muito usada para remeter a saída de um regime de reclusão, tanto no sistema socioeducativo como prisional, presente também em músicas conhecidas dentro da mesma temática e estilo (MC NEGOW, 2020; 509-E, 2021).

A liberdade vai cantar / A liberdade vai cantar / Quase todo dia sonho com meu alvará / Para os meus irmãos / Liberdade já / É só ter fé em Deus e esperar / A liberdade vai cantar / A liberdade vai cantar / Para minha família eu vou voltar / Para os meus irmãos / Liberdade já / Para os menor que vai cantar / Para as famílias eles vai voltar / A liberdade vai cantar / A liberdade vai cantar / Quase todo dia eu sonho com meu alvará / Para os meus irmãos / Liberdade já / É só ter fé em Deus e esperar / A liberdade vai cantar / A liberdade vai cantar / O mundo está uma história / Rola muita treta, rola muita droga / Vejo muita mãe que hoje chora / Os manos que se foi e nunca mais volta / O mundo tá cruel do lado de fora / Várias famílias chora, pela covardia e pela agressão / Pelo sofrimento que está no mundão / Cada dia que passa nós perde mais um irmão / Que hoje está sofrendo dentro de um caixão / A liberdade vai cantar / A liberdade vai cantar / Quase todo dia sonho com meu alvará / Para os meus irmãos liberdade já / É só ter fé em Deus e esperar / Porque a liberdade vai cantar (produção coletiva dos adolescentes participantes do projeto no CSE, 2021).

Na Tabela 2 estão apresentados os principais resultados da análise por PLN das duas letras em conjunto. Observa-se recorrência das composições em primeira pessoa, bem típico do estilo *rap*, com destaque novamente para “eu”, e o pronome possessivo “minha” relacionado à “vida”, “liberdade”, “coroa”.

Tabela 2 – Resultados obtidos pela análise por PLN das músicas escritas pelos adolescentes.

Total de palavras	61
Total de palavras distintas	46
Número de palavras responsáveis por 50% do conteúdo	16
Palavras frequentes	Minha (5), mais (3), eu (2), vida (2), liberdade (2).
Pares frequentes	Para minha (2), é minha (2).
Trincas frequentes	Depois de refletir, eu tinha sonho, prefiro estar preso.
Quadras frequentes	Depois de refletir eu, eu tinha sonho de, dá orgulho para minha, liberdade é tudo que.
Quintas frequentes	Dá orgulho para minha coroa, eu tinha sonho de tramar

Fonte: Elaboração própria com base nos dados ge-

rados pelo PLN do grupo de linguística da *Insite*©. A expressão “coroa” é mais uma referência ao feminino, assim como “donzela”, “mãe” e “rainha”. Foi recorrente a preocupação dos adolescentes com figuras femininas importantes para suas vidas, principalmente com a mãe, mas também citando irmãs e avós. Tanto nas letras das músicas de outros autores e nas produzidas pelos adolescentes parecem trazer um cenário constituído pelos adolescentes, crianças e mulheres, com pouca referência ao homem adulto. Neste sentido, os adolescentes parecem assumir as responsabilidades do homem adulto, em cuidar do financeiro, das crianças e mulheres da comunidade. A isto pode se relacionar à problemática atual da morte precoce dos jovens adultos de periferia em decorrência de ato violento (CUNHA, MOREIRA, 2023). Pode, também, trazer relação com o abandono paterno, tornando as mulheres (mães em especial, mas também tias, avós) as cuidadoras.

É bastante difícil estabelecer números oficiais e absolutos de pais ausentes na dinâmica familiar, justamente pelo fato de que o abandono se dá em várias dimensões: registral, psicológica, emocional, financeira, de cuidado etc. O abandono paterno e/ou a sua percepção, assim, pode ser detectado em vários aspectos da vida cotidiana dos menores, sendo que, em alguns casos, há abandono acumulado. O pai que não reconhece a paternidade abandona, de forma incontestada, em todos os demais aspectos, o filho. Há aquele que registra e não paga pensão. Há o que registra, acompanha o menor eventualmente, e paga pensão. Há também o que registra, assume, sustenta, mas em nada participa da dinâmica familiar, e assim sucessivamente (DEMARI, 2022, p.82).

No que se refere à temática principal falaram principalmente de liberdade, utilizando a palavra em si ou como referência: à liberdade vai cantar, que sonha com seu alvará de soltura, voltar para a família em uma música e como “tudo que mais quero” na outra. No entanto, descrevem um contraponto entre estar preso ou no cemitério. Citam família, irmãos (em termos de irmandade, comunidade), reforçam a já citada associação do tráfego de drogas com trabalho, uma vez que citam “tramar na boca”.

O senso de comunidade aparece de forma importante quando citam a “minha favela” e que “mato e morro por ela”, além de pedirem liberdade não só para um, mas para todos, ao se expressarem “para meus irmãos liberdade já” e no verso que descrevem “várias famílias chora” e “os mano que nunca mais volta”. Esta relação sinérgica entre os adolescentes e seus iguais na comunidade se reflete nos versos “Cada dia que passa nós perde mais um irmão / que hoje está sofrendo dentro de um caixão”. Isto porque foi questionado o sofrimento de quem já está no caixão,

uma vez que já morto não sentiria, supostamente, sequer o sofrimento. No entanto, foi descrito pelos adolescentes o sofrimento de se ver um irmão no caixão, tal qual o próprio indivíduo a ser enterrado estaria olhando para fora e vendo os outros irmãos em um mesmo caminho, o de ser morto ainda jovem. Nota-se que a temática da morte aparece nas duas composições e foi discutida nos encontros, o que pode ter sido reflexo da frequência com que a mesma esteve no pensamento dos adolescentes internos. Alguns dos desenhos produzidos pelos adolescentes refletem sentimento de tristeza e são apresentadas na Figura 2.

Figura 2 – Autorretrato produzido por adolescentes do CSE.



Fonte: arquivo dos autores.

Nos autorretratos mostrados na Figura 2 é possível observar a sinalização da insatisfação dos adolescentes em estarem reclusos, não como expressão de raiva, mas de tristeza. Observam-se detalhes como a numeração dos alojamentos e as grades. Neste sentido, o autorretrato revela também o estado físico atual dos adolescentes confinados. No que se refere aos propósitos do autorretrato, a grade, por exemplo, é um elemento estranho ao corpo que se quer representar, invadindo-o e trazendo nova percepção de si naquele lugar. Em contraste com as produções acima temos o autorretrato na Figura 1, sem presença de grades ou elementos que se somassem ao corpo e a representação de si mesmo. Na Figura 3 temos autorretrato de um dos adolescentes que, apesar de se colocar na imagem como dentro do alojamento, não sinaliza grades, o que pode demonstrar diferenças entre eles, no tocante ao efeito do ambiente ou condição de estar recluso na percepção de si mesmo.

Figura 3 – Autorretrato produzido por adolescente do CSE, representando-se no alojamento.



Fonte: arquivo dos autores.

Na Figura 3 o que determina que o adolescente se projetou dentro do alojamento se dá pela sinalização da SUASE na vestimenta. No entanto, vale ressaltar que nesta unidade socioeducativa não se faz uso de uniformes. Os adolescentes se vestem com suas próprias roupas deixadas por seus familiares. Nas músicas produzidas há também recorrência na sensação de insegurança quando relatam, por exemplo, que “várias famílias chora / pela covardia e pela agressão”. Neste ponto, as músicas compostas pelos adolescentes apresentam conexões com as demais produções estudadas, com o uso das letras para denúncia, bem próprio do estilo *rap*. Assim mesmo, refletiram mais a situação que estavam vivenciando, em busca pela liberdade, revelando sofrimento psíquico desencadeado pela reclusão, conduzindo ao tema da própria morte, do cemitério, do próprio caixão. Considerou-se relevante no tocante aos propósitos da extensão, em trabalharmos continuamente atentos à ideiação suicida, que passa também pela recorrência em que se pensa na morte, embora não seja exclusivo dela (MOREIRA, BASTOS, 2015). No que se refere ao propósito de identificar pontos que favorecessem a intervenção para promoção da saúde, considerou-se os resultados importantes para delimitar o trabalho com a família como muito estratégico, além de fortalecer o senso de irmandade para um suporte mútuo entre os próprios adolescentes. Isto porque a vigilância no CSE é contínua, mas para as finalidades de segurança e não para apoio emocional. Então, neste sentido, o trabalho desenvolvido entre os adolescentes e a produção coletiva das músicas foi considerada relevante para estreitar laços entre eles.

A família desempenha um papel fundamental na vida de adolescentes em reclusão, pois pode ter um impacto significativo em seu bem-estar emocional, processo de reabilitação e preparação para a reintegração na sociedade. Manter laços familiares saudáveis ajuda os adolescentes a lidar com o estresse, a solidão e as dificuldades emocionais associadas à re-

clusão. Além disso, pode ser uma fonte de motivação para buscarem mudanças positivas em suas vidas. O apoio e o incentivo da família podem inspirá-los a participarem de forma proativa do processo socioeducativo e a se envolverem em atividades educacionais e ocupacionais dentro da instituição (DE MEDEIROS, DE PAIVA, 2015). Portanto, é importante que os centros socioeducativos considerem maneiras de apoiar e manter os laços familiares durante esse período desafiador.

Por outro lado, no que se refere ao sentimento de irmandade entre adolescentes em conflito com a lei, muitas vezes vista em grupos de pares, é um fenômeno complexo que pode ter várias dimensões positivas e negativas. Essa irmandade é geralmente formada por adolescentes que compartilham circunstâncias semelhantes, desafios e experiências de vida, incluindo para cometer ato infracional. Em suas dimensões positivas temos que a irmandade pode oferecer aos adolescentes uma sensação de pertencimento e identidade. Isso pode fornecer apoio emocional e mitigar a sensação de isolamento. A conexão com os colegas pode criar um sentimento de solidariedade e apoio mútuo. Quando reclusos juntos envolve o compartilhamento de recursos, como informações, habilidades e apoio prático. Quanto as dimensões negativas temos o eventual encorajamento de comportamentos desviantes. A pressão do grupo pode fazer com que os adolescentes ajam de maneira contrária às suas próprias convicções, como forma de se encaixarem e serem aceitos (BALBINOT *et al.*, 2022).

### Considerações finais

A mediação pela arte na sociologia se refere ao uso da arte como uma ferramenta ou abordagem para explorar, compreender, dialogar e comunicar questões sociais, culturais e políticas. Neste sentido, foi desenvolvido o presente trabalho enquanto pesquisa participativa, onde a arte foi usada para compartilhamento de perspectivas e experiências por meio da música e desenho. Envolveu acadêmicos da Faculdade de Medicina na tentativa de se estabelecer diálogo com adolescentes em conflito com a lei, internos do sistema socioeducativo. Buscou-se ampliar a compreensão dos profissionais/pesquisadores sobre os adolescentes, com vínculo direto ao propósito extensionista de promoção da saúde mental no meio de reclusão.

Analisou-se cinco músicas que os adolescentes sugeriram para que fossem ouvidas no contexto de encontros virtuais, além de duas produzidas pelos próprios adolescentes e autorretrato. As músicas foram estudadas através de uma análise semântica em

associação às informações também presentes nos desenhos. As músicas produzidas foram consideradas enquanto narrativas criativas, onde os adolescentes puderam se expressar, nos moldes propostos pela estética do oprimido de Boal (2009), permitindo que revelassem emoções, opiniões e críticas de maneira simbólica.

No que se refere aos produtos gerados e analisados foi possível destacar a importância da família, da figura feminina, da fé e do coleguismo entre os adolescentes internos como fatores de proteção à saúde mental dos adolescentes durante o período de reclusão. Quanto aos propósitos de desvelamento da situação de opressão em que viviam, em apoio a teoria do desvio de Becker (2008) e a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1970), foi possível identificar as principais preocupações dos adolescentes em seu meio social em relação a pobreza, fome e conflitos com a polícia.

Observou-se que a arte foi usada como uma facilitadora para o diálogo entre estes diferentes grupos sociais – acadêmicos e adolescentes em conflito com a lei – permitindo melhor delimitação das ações futuras da ação extensionista, buscando fortalecer a relação dos adolescentes entre eles e com a família. Foi uma forma bem estabelecida de proporcionar o compartilhamento de perspectivas de maneira não confrontacional e criativa. No geral, a mediação pela arte ampliou as possibilidades de compreensão e intervenção, incorporando a criatividade e a expressão artística como ferramentas para promover a reflexão, a conscientização e a mudança.

### Referências bibliográficas

- 509-E. A liberdade cantou. São Paulo: 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SFz-gD6J8YM>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.
- BALBINOT, Caroline et al. O convívio entre adolescentes em medida socioeducativa de internação. **Psicologia em Estudo**, v. 27, p. e48317, 2022.
- BASTIDE, Roger. Art et Société. Paris: Payot, 1977. In: MARTINEZ, Daisy. Arte e sociedade. **Revista de Administração de Empresas**, v. 14 (6), p. 127-130, 1974.
- BECKER, Howard. Outsiders: Estudos de Sociologia do Desvio. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2008.
- BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Sistema Nacional De Atendimento Socioeducativo -SINA-

- SE/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília-DF: CONANDA, 2006. 100 p.
- CALLIGARIS, C. A Adolescência. São Paulo: Publi-folha, 2000.
- CERQUEIRA, Daniel Lemos. E isso pode? Uma pesquisa-ação artística em Práticas Interpretativas. **Anais do SIMPOM**, n. 5, 2018.
- CRISTOFOLETTI, Evandro Coggo; SERAFIM, Milena Pavan. Dimensões metodológicas e analíticas da extensão universitária. **Educação & Realidade**, v. 45, p. e90670, 2020.
- CUNHA, Vivane Martins; MOREIRA, Lisandra Espíndula. A Subtração da Vida como Política de Morte: Vozes de Mães de Jovens Negros Assassinados. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023.
- DE MEDEIROS, Fernanda Cavalcanti; DE PAIVA, Ilana Lemos. A convivência familiar no processo socioeducativo de adolescentes em privação de liberdade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 2, p. 568-586, 2015.
- DEMARI, Melissa. Discurso jurídico e políticas públicas voltadas à proteção da infância e da juventude: interlocuções em torno do tipo “abandono paterno afetivo”. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 24, p. 80-89, 2022.
- DIEDERICHSEN, Maria Cristina. Pesquisa baseada em arte: criações poéticas desdobrando mundos. **Palíndromo**, v. 11, n. 25, p. 64-84, 2019.
- EMICIDA. AmarElo. São Paulo: 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3B-DPIU>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.
- FREIRE FILHO, João. Das subculturas às pós-subculturas juvenis: música, estilo e ativismo político. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura (PósCom-UFBA)**, v. 3, n. 1, p. 138-166, 2005.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1970.
- GODIN, Gaston (org). Os comportamentos na área da saúde: compreender para melhor intervir. Campinas: Editora da UNICAMP, 2019.
- HABERMAS, Jürgen. Dialética e Hermenêutica: para a crítica da Hermenêutica de Gadamer. Porto Alegre: LP&M, 1987.
- LOOS-SANT’ANA, Helga; DOS SANTOS LIMA, Terezinha Pacheco. Visualidades do Ser: vislumbres de intersubjetividade em situações de sofrimento psíquico através do “Autorretrato Ampliado”. **Psicologia Argumento**, v. 38, n. 100, p. 338-362, 2020.
- MC ALE. Mais um dia de vida. São Paulo: Kondzilla Records: 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hp45toCm9Og>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.
- MC ALE. Perdoa mãe. São Paulo: Kondzilla Records: 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=JjA5fdPysjU&list=PLzFcNTgv-49JIwsvIVQJKZnjN1NtwH6\\_V\\_&index=84&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=JjA5fdPysjU&list=PLzFcNTgv-49JIwsvIVQJKZnjN1NtwH6_V_&index=84&t=0s). Acesso em: 25 de abril de 2023.
- MC CABELINHO, DONATO, DJ JUNINHO DA ESPANHA. Reflexo. São Paulo: Portugal e DJ Juninho: 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iFHJN70-zmo>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.
- MC MARKS. Céu de pipa. Santos: DJ MUKA: 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fBf7XAC2K5U>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.
- MC NEGOW. Liberdade Vai Cantar. São Paulo: DJ Matt D: 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uw8J-38r6nc>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.
- MC VITÃO DO SAVOY. Fuguetão veloz. São Paulo: GR6: 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e3cN4irpb2g>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.
- MOREIRA, Lenice Carrilho de Oliveira; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, p. 445-453, 2015.
- PLISKIN, Ruthie; RUHRMAN, Anat; HALPERIN, Eran. Proposing a multi-dimensional, context-sensitive approach to the study of ideological (a) symmetry in emotion. **Current Opinion in Behavioral Sciences**, v. 34, p. 75-80, 2020.
- ROCHA, Viviane Cristina da; BOGGIO, Paulo Sérgio. A música por uma óptica neurocientífica. **Per musí**, p. 132-140, 2013.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 1, p. 214-241, 2017.
- SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v.1, p. 214-241, 2017.
- SIMÕES, José Alberto; CAMPOS, Ricardo. Articulações entre a rua e o digital nas práticas culturais juvenis: os casos do rap de protesto e graffiti ilegal em Portugal. **Sociologias**, v. 18, p. 272-299, 2016.
- SUSIN, Ivânia Valim. Fotografia de bandidos: o enquadramento da celebridade criminoso. **RuMoRes**, v. 16, n. 31, p. 184-205, 2022.
- TEPERMAN, Ricardo. Se liga no som: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015.